

**Jornalismo para a Paz:  
um primeiro olhar para as dissertações e tese desenvolvidas no Brasil**

*Peace Journalism:  
a first look into thesis and dissertations developed in Brazil*

Rafael de Jesus GOMES<sup>1</sup>

**Resumo**

Este trabalho busca apresentar os debates teóricos, epistemológicos e metodológicos propostos pelas pesquisas de dissertação e tese sobre o Jornalismo para a Paz no Brasil. Prática que vêm ganhando espaço, sobretudo na mão de pesquisadores como Johan Galtung (1969); Manuel Pureza (2009), entre outros. Para isso, fizemos uma busca no banco de teses e dissertações da CAPES por trabalhos produzidos pelos programas de pós-graduação em comunicação no país que abordam a temática e em conjunto, utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2021) como ferramenta para analisar as temáticas propostas por esses trabalhos. Como conclusão, percebe-se que as pesquisas na área estão em crescimento, ainda que literatura e grupos de pesquisa sobre o tema na área da comunicação, sejam poucos.

**Palavras-chave:** Estudos para a Paz. Jornalismo para a Paz. Mídia. Capes.

**Abstract**

This work seeks to present the theoretical, epistemological and methodological debates proposed by the dissertation and thesis research on Journalism for Peace in Brazil. A Practice that has been taking place, specially by the hands of researchers such as Johan Galtung (1969); Manuel Pureza (2009), and others. For this, we searched the CAPES theses and dissertations bank for works produced by postgraduate programs in communication in the country that address the theme and, in addition to this, we use the content analysis (Bardin, 2021) as a tool to analyse the themes that were proposed by these works. In conclusion, it can be seen that research in the area is growing, although literature and research groups on the subject in the area of communication are few.

**Keywords:** Peace Studies. Peace Journalism. Media. Capes.

**Introdução**

Falar em paz e em violência para diversos estudos seria o mesmo que tratar os lados de uma mesma moeda, cada um deles com concepções definidas a respeito das

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela UNESP-Bauru. Professor Interino do curso de Jornalismo da UNEMAT-TGA. E-mail: rafael.j.gomes@unesp.br

suas funcionalidades no desenvolvimento da sociedade. Afinal de contas, para haver paz é preciso primeiro que a guerra seja uma instância necessária?

Essa é uma das preocupações conhecidas por grupos de pesquisa denominado de Estudos para a Paz (EPP), o “*Peace Studies*”. Uma área transdisciplinar que agrega diversas ciências com o objetivo de encontrar respostas para um ambiente em que a guerra e tudo o que representa (desavença, violência, conflito) são postos lado a lado com a paz.

Com o passar dos anos, foi buscando consolidação como pensamento científico e também como prática institucional (Pureza, 2009). Tanto assim que em 2015, a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu como debate para os 15 anos seguintes, o desafio de implementar ações e atividades que casem com a sustentabilidade e o desenvolvimento em todo o mundo. Conhecido como Agenda 2030, um desses temas que o órgão define como primordial é justamente a promoção da paz e o desenvolvimento de uma cultura de não-violência.

Propomos, nesse artigo, realizar um levantamento bibliográfico sobre as produções brasileiras no âmbito do jornalismo para a paz. Para isso, selecionamos um total de 06 (seis) trabalhos que abordam a temática sobre o jornalismo para a paz, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizamos para isso a análise de conteúdo (Bardin, 2021) como ferramenta a fim de conhecer literaturas, metodologias e debates epistemológicos destes trabalhos. Assim, esperamos conhecer de que forma esses estudos vêm sendo trabalhados no país.

### O que são os “*Peace Studies*”

Os *Peace Studies* (Estudos para a Paz) representam um esforço de pesquisadores no mundo inteiro para discutir a paz, não deixando de lado o estudo da guerra (conflito) etc, aqui, busca-se reconhecer no cotidiano como as práticas sociais de violência invisibilizam e/ou negligenciam as percepções de paz.

No ambiente acadêmico, as relações internacionais concentram grande parte dos estudos que envolvem a guerra e a paz. Neles é possível perceber que seus esforços se concentram na causa, nas origens, na forma como a guerra é construída e quais os caminhos que podem ser executados para alcançar um nível de segurança.

Manuel Pureza (2009) argumenta que enquanto pensamento científico, os *Peace Studies* surgiram como uma espécie de dogma orientativo. Ou seja, diferentemente de

outras ciências em que a cientificidade obedece normalmente à concordância e a dissonância argumentativa, os Estudos para a Paz se apresentaram como saídas e/ou respostas para problemas oriundos dos estudos sobre a guerra e conflitos. Sua natureza normativa está muito ligada à necessidade de se buscar uma solução para um fim: a paz.

Dessa forma é, sobretudo, a partir de meados do século passado que o homem passa a olhar mais empiricamente para o papel da paz e do conflito como campo de estudo e que, por isso mesmo, merecia mais atenção científica. Segundo Oliveira (2017) é nos EUA que surge os primeiros núcleos de estudo sobre resolução de conflitos como o *Center for Research on Conflict Resolution* em 1957 (p. 04).

O surgimento desses primeiros núcleos de estudos dá uma ideia de “normatização científica” para se entender a paz e, nesse sentido, não tão preocupados no em compreender os contextos, consequências e cenários onde os conflitos/ guerras poderiam surgir. O que, para autores como Pureza (2009) levavam o início dos estudos a certos cenários de incertezas dogmáticas e teóricas.

É por isso que Pureza (2009) explica que desde sua origem há duas correntes muito claras sobre as pesquisas que envolvem os estudos para a paz. A primeira delas, deriva de uma “ciência da paz”, caracterizada pelos estudos decorrentes da escola americana durante as décadas de 50 e 60 do século passado e que pretendia apresentar soluções a partir de duas frentes: A primeira, a partir da polemologia oferecendo assim, um conhecimento empírico sobre as guerras, sua complexidade e suas múltiplas dimensões e também apresentando a resolução de conflitos a partir de uma visão epistemológica e técnica sobre como solucionar tais conflitos, uma espécie de tópico-guia a ser utilizado (p. 08).

A segunda visão a qual Pureza (2009) apresenta é a partir de uma “pesquisa sobre a paz” e, deste modo, o maior expoente é Johan Galtung. Para o autor, Galtung apresentou uma visão mais positivista dos estudos sobre a paz. Frisa-se aqui a ideia de positivismo como: “uma prisão ao método cientificista em detrimento ao rigor filosófico” (p. 10).

Galtung (1969) evolui o pensamento americano na medida em que: enquanto nos EUA o princípio dos estudos eram o seu caráter normativo, para Galtung era preciso uma partilha multidisciplinar de conhecimentos que, em certo momento encontraria um remédio para dirimir qualquer conflito antes mesmo de ele se tornar um risco.

Por isso, Galtung (1985) afirma que falar a palavra paz é um ofício que não deve se restringir exclusivamente à determinadas áreas do conhecimento. Para o autor, o

caráter multidisciplinar que os estudos para a paz se apresentam demandam múltiplos olhares.

### **O Jornalismo para a Paz: ontem e hoje.**

Para Galtung (1969) a prisão ao factual com que os jornalistas são colocados na rotina produtiva nas redações os impedem de desenvolver outras narrativas mais positivas e que consigam propor uma alternativa à visão beligerante com a que se coloca o comportamento da mídia. O jornalismo para a paz deveria se contrapor à essa realidade.

Anos mais tarde, Galtung e Fischer (2002) em “*O Jornalismo entre a Guerra e a Paz*” enumeram diversas atividades e ações para as quais o jornalista deveria se colocar frente a condução de uma notícia que brinda o conflito em vez da paz. Na palavra dos autores: “Os jornalistas de guerra tendem a centrar a sua informação somente nas partes enfrentadas diretamente e na área onde ocorre a violência [...] A fonte do problema não está necessariamente no lugar onde se revela” (Galtung & Fischer, 2002, *Online*)<sup>2</sup>

Eles comparam com a forma como é abordada a comunicação esportiva. A narrativa, de certa forma, estabelece uma preferência entre as partes. Ou seja, a máxima sobre a necessidade de se manter isento na cobertura jornalística ou, o mais próximo da objetividade sem tomar partido vem se tornado uma prática cada vez mais esquecida pelos jornalistas e pelas redações na contemporaneidade. Os autores enxergam que o jornalismo para a paz só terá futuro se aprender com o jornalismo de guerra e encontrar nele uma forma de diálogo para propor uma mudança efetiva. Porque conforme Galtung (1997), o jornalismo de guerra defende a polaridade e não a diversidade e a pluralidade de vozes.

Felipe (2004) afirma que centrar a informação na violência sem contextualizá-la empobrece a discussão e não dá a oportunidade ao leitor de entender os contextos que envolvem o conflito e nem também de oferecer soluções para a sua resolução, uma vez que simplesmente envolver a produção somente nas imagens, e na oficialidade das fontes nesse material transforma essa informação em um espetáculo.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa para: Los periodistas de guerra tienden a centra su información sólo em las partes enfrentadas directamente y en el área donde ocurre la violencia. [...] La fuente del problema no está necesariamente en el lugar donde se revela (Galtung & Fischer, 2002, *ONLINE*). Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/o-jornalismo-entre-a-guerra-e-a-paz/>> acesso em 20/04/2024.

E por isso mesmo, o profissional deveria “pensar fora da caixa”, conforme Wandscheer (2008)

[...] o jornalista deve ir além do factual, sem se contentar em relatar “imparcialmente” os fatos, tendo em vista que a imparcialidade, em alguns casos, é uma forma de parcialidade. O jornalista procura prevenir a ocorrência de guerra ou de uma maior violência dentro desta. O Jornalismo para a Paz é multidimensional, mostra de que forma os fatos ocorreram, o que é essencial para se formar qualquer idéia de como mudá-los (Wandscheer, 2008, p. 27)

Assim, cabe salientar que o jornalismo para a paz apresenta práticas e propostas que devem ser trabalhadas por todos os jornalistas. Os profissionais devem buscar a oferta de uma visão que fuja a realidade conflituosa que circula na distribuição do jornalismo na contemporaneidade. Isso significa um empenho que envolve não só os setores que envolvem a prática jornalística, mas, dessa forma também a sociedade para a qual o jornalismo se reportar.

### **O Jornalismo para a Paz no meio acadêmico Brasileiro.**

Embora seja consolidada como uma corrente de estudos com tradição e que já está com mais de 60 anos de atividades no mundo. É possível considerar um certo tom de raridade na oferta, tanto de disciplinas quanto de pesquisas sobre jornalismo para paz. Aliás, Oliveira (2017) afirma que no Brasil, essa realidade ainda se engatinha.

Para o autor, pode-se perceber que iniciativas nacionais no intuito de trazer um debate mais acadêmico e institucionalizado tem sido feito nos últimos anos e destaca como isso, a criação do primeiro Encontro Brasileiro de Estudos para a Paz e a (PCECS), rede de pesquisa em paz, conflitos e estudos críticos em segurança (2017, p. 03).

Além disso, cabe conhecer a forma como esse tema vêm sendo trabalho por diversos programas em Graduação e Pós-Graduação no Brasil. Por ter sua natureza multidisciplinar, diversas ciências escolheram a paz como interesse de estudo. Pode-se destacar por exemplo o GEPAZ (Grupo de Estudos de Paz) promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC/RS; O GEPASM (Grupo de Estudos da Paz e Segurança Mundial) promovido pela UEPB; O GEEPAZ (Grupo de Estudos Educação para a Paz e Tolerância), promovido pela UNICAMP, entre outros.

Para a produção deste artigo, destacamos a pesquisa acadêmica na área do Jornalismo para a Paz pelas instituições de ensino superior no Brasil. Para tanto nós buscamos dentro do banco de teses e dissertações da Capes<sup>3</sup> quantos foram os estudos produzidos pelos programas de pós-graduação em comunicação no país que abordaram essa temática.

Dessa forma, nos propusemos a realizar uma pesquisa de codificação aberta. De acordo com Strauss & Corbin (2008, p. 104) é o procedimento que permite “abrir o texto, buscando seus pensamentos, ideias, objetivos e significados nele contidos”. Assim, buscamos identificar nesses projetos como, através dos títulos, dos resumos e dos objetivos propostos, o jornalismo para a paz fora trabalhado por esses pesquisadores durante esse período.

Na barra de buscas, utilizamos o seguinte critério: “*jornalismo para a paz*”. O sistema notabilizou 08 trabalhos encontrados. Porém dois deles pertenciam: a) um Programa de Pós-Graduação em Educação e b) um Mestrado Profissional em Mídias Criativas. Como o objetivo deste artigo é o de catalogar os trabalhos produzidos pelas pós-graduações em comunicação, escolhemos do sistema até maio de 2024, 06 (seis) trabalhos a serem destacados no quadro abaixo:

Quadro 1 – Lista de trabalhos catalogados

Ano	Tipo	Título	Autor	Instituição
2008	Dissertação	Análise da Cobertura Jornalística do Crime Organizado nos Jornais Folha de São Paulo e O Globo com base no Jornalismo para a paz.	Lisiane Wandscheer	PUC/RS
2013	Tese	Jornalismo para a Paz ou para a Guerra: a representação do refugiado na cobertura jornalística brasileira	Anelise Zanoni Cardoso	UFRGS/RS
2019	Dissertação	Jornalismo para a Paz e os Refugiados Sírios	Jorge Antônio Salgado Salhani	UNESP/SP
2020	Dissertação	O Fluxo migratório dos venezuelanos retratado pelo Nexo Jornal à luz do Jornalismo para Paz	Karla Tamarozzi de Oliveira	UNESP/SP
2020	Dissertação	A mulher que luta sob a ótica da mídia ninja e do MBL: o 8M e os desafios da comunicação para a paz nas mídias digitais.	Ester Alckimin Zanco Rodella	UNESP/SP
2021	Dissertação	O Jornalismo para a Paz como estratégia na cobertura de conflitos sociais: a homofobia nas páginas da Folha de S. Paulo (2018-2019)	Diuan dos Santos Feltrin	UNESP/SP

Fonte: elaborado pelo autor

<sup>3</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Pode-se perceber que, dentro dos programas de pós-graduação em comunicação, a temática sobre o jornalismo para a paz vem se consolidando. Perto de completar 16 anos do primeiro estudo em nível de dissertação ou tese na área, a existência de poucos trabalhos acadêmicos confirma o que Oliveira (2017) prega ao dizer que ainda são poucas as iniciativas em nível acadêmico, mas que aos poucos vêm se estruturando no país.

Além disso, também reflete o nível não só de pouco amadurecimento na área como também explica a pouca atuação de pesquisadores em nível de doutorado no campo de pesquisas em jornalismo para a paz que sejam da área da comunicação. O que, de certa forma, também ajuda a compreender a situação com o número ainda baixo de pesquisas em nível *stricto sensu*.

Entretanto, também é possível inferir que essas iniciativas estão dando frutos. Cabral e Salhani (2017) em uma primeira arqueologia para se identificar os estudos sobre a pesquisa para a paz encontrou alguns dados importantes:

No Brasil, os estudos para a paz ainda se encontram em fase inicial. R. P. Costa (2009), em sua tese de doutorado, constatou que a produção de conhecimento científico dos estudos para a paz em âmbito brasileiro é praticamente inexistente [...] os estudos para a paz no Brasil se mantêm marginalizados em programas de graduação e pós-graduação em relações internacionais, a maioria deles enfatizando os estudos estratégicos ou da segurança (Cabral & Salhani, 2017, p. 02-03)

Dessa maneira, convém observar a importância desse estudo de, não apenas trazer a discussão o papel dos estudos sobre cultura de paz no âmbito da pós-graduação em Comunicação no Brasil, como também discutir de que forma o jornalismo para a paz vem sendo trabalhado e discutido internamente e também sua interlocução com outros programas da área.

Com isso, pode-se perceber que para a área da comunicação, a grande maioria de trabalhos até o momento é de dissertações. Sendo que a primeira dissertação foi produzida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC/RS, ainda no ano de 2008. Ao todo, temos no momento o total de 05 dissertações defendidas e 01 tese na área do jornalismo para a paz.

Outro ponto a se notar também é a concentração dos trabalhos no eixo sudeste/sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Uma das razões para isso pode ser notada a partir da consolidação de diversos programas de pós-graduação em comunicação na região e também a existência de pesquisadores sobre o tema nessas regiões.

A única tese defendida na área de jornalismo para a paz foi feita no ano de 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). São praticamente 10 anos sem que outra tese na área busque explorar a temática por algum outro programa de comunicação no país.

A seguir, discutiremos as abordagens teóricas e metodológicas assumidas pelas dissertações e tese no campo de pesquisa em jornalismo para a paz no Brasil.

### **Dissertações e tese sobre Jornalismo para a Paz no Brasil**

A dissertação de Lisiane Wandscheer (2008) é o primeiro trabalho em nível de pós-graduação em comunicação no Brasil a buscar apontamentos sobre os estudos que envolvem a paz e o jornalismo. Com o Título: **Análise da Cobertura Jornalística do Crime Organizado nos Jornais Folha de São Paulo e O Globo com base no Jornalismo para a paz**, foi orientado pelo Professor Dr<sup>o</sup> Jacques Alkalai Wainberg, um dos objetivos do trabalho foi o de perceber se as práticas trabalhadas pelos profissionais pelo Jornal Folha de São Paulo e o Jornal O Globo poderiam ser capazes de atualizar elementos basilares do jornalismo como a objetividade e imparcialidade (p. 12).

O trabalho de Wandscheer é feito em 03 capítulos, assim divididos em: a) discorrer sobre os conceitos clássicos de produção de notícia e como atualizá-los a partir da perspectiva do jornalismo para a paz utilizando as concepções de Galtung (1969); (1985); (1997) e como os estudos para a paz podem ajudar a criar guias de trabalho no ambiente das redações, b) o conceito de criminalidade e violência além do papel da espetacularização midiática sobre a violência a partir dos conceitos de Galtung (1969); Bourdieu (1997); Debbord (1997) e Sodré (2002), c) a cobertura da violência nos jornais Folha de SP e Jornal O Globo (p. 13-14).

Embora não apresente um capítulo em que se discorra sobre as opções metodológicas para a produção da pesquisa, a autora realiza uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) e desenvolve categorias de análise para encontrar na pesquisa, (um universo de mais de 560 matérias) se a abordagem utilizada nos dois jornais se aproxima do jornalismo para a paz ou para a guerra. Como resultado, a autora acredita que a produção e reverberação do discurso de violência pelas duas empresas causava maior impacto à época.

A segunda dissertação sobre a temática só vai ocorrer mais de 10 anos depois em 2019 pelo pesquisador Jorge Antônio Salgado Salhani intitulado: **Jornalismo para a Paz e os Refugiados Sírios**, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Raquel Cabral, o trabalho de

Salhani se constrói em linha com os parâmetros adotados pela pesquisa de Wandscheer (2008) mas aqui, a partir de um olhar que comparou as abordagens adotadas pela cobertura da *Al Jazeera in English* e do Portal G1.

O trabalho do autor é dividido em seis capítulos a saberem a) revisitar os conceitos clássicos sobre os estudos para a paz e a partir deles realizar uma reflexão teórica sobre a pesquisa do jornalismo para a paz nesse contexto, b) o jornalismo online e seu ambiente de produção no contexto digital, c) um levantamento sócio-histórico e econômico do meio de comunicação no universo árabe em que a Al Jazeera é construída, d) as representações da mídia a respeito dos fluxos de migrações dos refugiados, e) o percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento do trabalho e f) a análise do material obtido dos dois jornais. (p. 17).

Durante seu percurso teórico, é possível reconhecer novamente o trabalho de autores clássicos na área de estudos para a paz, como o Galtung (1969); (1997); Pureza (2005); Martínez Guzmán (2005) entre outros. Como resultado de seu percurso de pesquisa, Salhani (2019) afirma que as coberturas dos dois jornais são contextualizadas, preocupadas em dar enfoques e ampliar as vozes, sobretudo a partir dos conceitos de violência estrutural proposta por Galtung (1969) e que na prática, demanda do jornalista uma contextualização sobre os precedentes da cobertura e também dos prováveis desfechos.

A terceira dissertação, intitulada: **O Fluxo migratório dos venezuelanos retratado pelo Nexo Jornal à luz do Jornalismo para Paz**, de autoria de Karla Tamarozzi de Oliveira e sob a orientação do Prof. Livre Docente Maximiliano Martin Vicente é do ano de 2020 e se preocupa também com a posição dos fluxos de migrações envolvendo os venezuelanos e a cobertura midiática desse tema.

O trabalho da autora é dividido em cinco capítulos: a) uma contextualização sócio-histórica, política e econômica da Venezuela nos últimos anos, até o período chavista e pós-chavismo, (p. 20), b) reflexões teóricas sobre o Jornalismo para a Paz e os principais teóricos que militam na área como Galtung (2003); Boulding (2002); Pureza (2000) e Rezende (2009), c) o mercado editorial da comunicação analisando o Nexo Jornal e seu modelo de negócio, d) as opções metodológicas para a produção da pesquisa e e) as reflexões finais sobre a análise do material coletado (p. 20-21).

Oliveira (2020) realiza um levantamento sobre as matérias produzidas no ano de 2018 sobre a questão venezuelana pela empresa. Ao utilizar a análise de conteúdo e uma

abordagem quantitativa e qualitativa, a autora acredita que ao notar que as notícias produzidas pelo Nexo jornal possam se apresentar como um “novo esquema jornalístico para o Brasil” (p. 199) ao produzir pautas de forma mais humanizada e em linha com as propostas da comunicação não-violenta.

A dissertação intitulada: **A mulher que luta sob a ótica da mídia ninja e do MBL: o 8M e os desafios da comunicação para a paz nas mídias digitais**, também defendida no ano de 2020 sob autoria de Ester Alckimin Zanco Rodella e orientada pela Dr<sup>a</sup> Raquel Cabral é a quarta pesquisa que aparece no banco de teses e dissertações da Capes a abordar o jornalismo para a paz como tema.

Neste trabalho, Rodella (2020) se centra sobre a cobertura de violência contra as mulheres por movimentos como a Midia Ninja e o MBL no contexto digital sobre o 8M (movimento 8 de março). Segundo a autora, a importância da pesquisa reside em entender como os cenários digitais inflam e mobilizam causas para a pesquisa sobre as mulheres, a vida delas em contexto de violência e como os dois objetos pautam suas publicações na rede social Facebook a respeito dos movimentos de 8M.

A pesquisa da autora aponta para discussões sobre a convergência e seus reflexos na produção jornalística e no jornalismo para a paz nas mídias digitais. A dissertação está dividida assim em quatro capítulos em que: a) busca apresentar um levantamento histórico do 08 de março, os movimentos feministas e o dia internacional de luta das mulheres até a contemporaneidade, b) o jornalismo na era internet, a MBL e o Midia Ninja e as formas de produção de notícia com diálogos possíveis a partir da perspectiva do Jornalismo para a Paz, c) as opções metodológicas adotadas durante a produção da pesquisa e d) as análises e as inferências sobre a pesquisa. (p. 15).

A abordagem da sua pesquisa passeia pelo movimento feminista a partir de autores como: Pinto (2010); Silva (2017); Garcia (2015); Hollanda (2018) entre outros. Também é possível perceber que ao tratar sobre o Jornalismo para a Paz, os autores que a pesquisadora aciona são: Galtung (2003); Pureza (2000); Martínez Guzmán (2004), Shinar (2008) entre outros.

Em suas considerações a respeito da produção da pesquisa, Rodella (2020) explica que as abordagens utilizadas tanto pelo Midia Ninja, quanto pelo MBL se baseiam em práticas muito mais comuns aos grandes conglomerados midiáticos do que como uma contrarresposta a esse sistema:

[...] identificamos muitos desafios para este objetivo. Temos dois grupos (um mais que o outro) que em suas perspectivas comunicacionais não conseguem alcançar os caminhos de uma comunicação mais humanizada, seja por estratégia de não dar voz às lutas feministas (no caso do MBL) ou por falta de investimentos técnicos e humanos (no caso da Mídia Ninja). (Rodella, 2020, p. 111).

Ainda sobre o trabalho, a autora explica que é o Mídia Ninja quem mais aproxima suas publicações na rede social das práticas propostas pelo jornalismo para a Paz e que o MBL, além de invisibilizar os atos do 8M, atuava em suas postagens em tons mais irônicos e belicosos (p. 111).

A quinta dissertação e também a mais recente pertence ao pesquisador Diuan dos Santos Feltrin. Intitulado: **O Jornalismo para a Paz como estratégia na cobertura de conflitos sociais: a homofobia nas páginas da Folha de S. Paulo (2018-2019)** é do ano de 2021 e também contou com a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Raquel Cabral.

A dissertação está assim dividida, além da introdução, em cinco capítulos a saber: a) os Estudos para a Paz, seus pressupostos históricos, evolução e como se encontram estes estudos na atualidade, além do jornalismo para paz enquanto conceito, surgimento e perspectivas; b) o conceito de homofobia, visibilidade na sociedade Brasileira, precedentes históricos e como a violência homofóbica está estratificada no discurso midiático; c) as discussões metodológicas a partir do corpo de análise as ferramentas de coleta como a análise de conteúdo e a hermenêutica em profundidade; d) a aplicação do método a partir da elaboração de categorizações de análise do conteúdo nas matérias da Folha de São Paulo; e) a análise do material.

O trabalho de Feltrin (2021) é o primeiro a se preocupar em utilizar o jornalismo para a paz não apenas como apoio teórico, mas também, de entendê-lo como ferramenta metodológica de análise. E como resultado cabe observar que:

Partimos do pressuposto de que o Jornalismo para a Paz não é empregado na mídia jornalística brasileira como critério de noticiabilidade, mas pode proporcionar um olhar crítico diante do fazer jornalístico em situações de conflito [...] utilizamos os fundamentos do Jornalismo para a Paz aliando-os às metodologias da hermenêutica de profundidade e análise de conteúdo, demonstrando que o potencial epistemológico e deontológico da perspectiva pode ser ampliado, sobretudo diante de narrativas jornalísticas que versam sobre conflitos de ordem social, sendo a homofobia uma dessas realidades. (Feltrin, 2021, p. 154-155)

Ao término de sua pesquisa, o autor direciona possíveis caminhos de estudo para se compreender o papel que o jornalismo para a paz pode exercer no intuito de evoluir e desenvolver uma reconfiguração dos critérios de noticiabilidade nos processos produtivos do jornalismo contemporâneo.

Por fim, nós voltamos nosso olhar para a única tese desenvolvida até o momento. O trabalho de autoria de Anelise Zanoni Cardoso, intitulado: **Jornalismo para a Paz ou para a Guerra: a representação do refugiado na cobertura jornalística brasileira** foi orientada pela Prof<sup>ra</sup> Dr<sup>a</sup> Karla Maria Müller, no ano de 2013.

Cardoso (2013) apresenta em sua tese uma preocupação semelhante a dissertação trabalhada por Salhani (2019) ao se debruçar a entender de que forma a mídia brasileira se preocupa em representar o refugiado no discurso midiático. Para isso, ela começa seu trabalho dissertando sobre sua experiência como jornalista na chegada dos primeiros refugiados afegãos em Porto Alegre e revela tomar ciência da forma como seu comportamento enquanto profissional buscava cobrir a vida dessas pessoas a partir de um tom de violência em detrimento à um olhar mais próximo dos Estudos para a Paz (EPP).

A tese é dividida da seguinte forma: a) Um mundo em movimento, a autora aqui trabalha de forma minuciosa o contexto das migrações e transformações do mundo em que o fluxo populacional migra em alta velocidade desde o início das grandes navegações o que incentivou a globalização (p. 22); b) o contexto de produção jornalística sobre refugiados no Brasil apresentando estigmas sociais e nomes pejorativos utilizados pela mídia para classificar o refugiado; c) as perspectivas dos estudos para a paz e sua forma de engajar e “hipnotizar” o leitor a promover uma cultura de não violência; d) as opções metodológicas utilizadas pela autora, a saber a análise de conteúdo como técnica de pesquisa através de Bardin (2011); e) a análise completa das 98 matérias referentes aos quatro jornais do objeto de pesquisa.

Convém ainda explicar que a tese de Cardoso (2013) entrega o seguinte resultado:

Durante a análise da cobertura jornalística, o que desponta é principalmente um discurso inclinado para o conflito, para aquilo que alguns teóricos estudados, como Galtung, Lynch e Schinar, chamam de jornalismo de guerra. Nesse sentido, surgem textos que nos fazem refletir principalmente sobre dilemas da ética jornalística e da alteridade. (Cardoso, 2013, p. 21).

Além disso, percebe-se que a tese se preocupa tanto quanto, as dissertações a discorrer sobre de que forma o jornalismo para a paz pode ser considerado como uma

saída para evoluir as práticas nas redações e com uma forma de transformar a maneira como os jornalistas possam evoluir o discurso midiático a fim de promover a cultura da paz em suas matérias.

### Considerações finais

Ao analisarmos, ainda que brevemente o conteúdo das dissertações e da tese que exploram o jornalismo para a paz como perspectiva teórica, nos deparamos com as seguintes constatações: 1) a aparente pouca literatura e poucos diálogos com pesquisadores nacionais da área da comunicação e jornalismo sobre a temática; 2) a utilização da análise de conteúdo como técnica de coleta para verificar de que forma o jornalismo para a paz é (ou se é) empregado pelo conteúdo noticioso; 3) a aparente concentração de produção de pesquisas na área no eixo sudeste/sul do Brasil.

Além disso, esses dados revelam também que o tema jornalismo para a paz no Brasil começa a ganhar mais pesquisadores nos últimos anos. Não podemos dizer que ele se encontra consolidado por diversos programas de pós-graduação no país, mas também, já não podemos considerar, conforme Oliveira (2017) de que esse é um campo de pesquisa que ainda esteja em processo de início.

Muito pelo contrário, a riqueza teórica, epistemológica e metodológica com que se concentram os estudos desde 2008 demonstram que a natureza da pesquisa do jornalismo para a paz atua em diversas frentes.

É interessante notar também que algumas pesquisas inclusive evoluíram o debate para compreender o jornalismo para a paz, inclusive, como recurso metodológico de análise, como é o caso da dissertação de Feltrin (2021) o que mostra que apesar de poucas pesquisas, o tema é frutífero e caminha para debates ainda maiores nas mãos de futuros pesquisadores sobre o tema no campo do jornalismo e da comunicação.

### Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOULDING, Kenneth E. **Future directions in Conflict and Peace Studies**. Journal of Conflict Resolution, v. 22, n. 2, p. 342-354, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.

CABRAL, Raquel; SALHANI, Jorge. **Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões**. E-Compós, Brasília-DF v. 20, n. 3, p. 1-20, 2017.

CARDOSO, Anelise Zanoni. **Jornalismo para a paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GALTUNG, Johan. **Cultural violence**. Journal of Peace Research, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990.

GALTUNG, Johan. **High road, low road: charting the course for Peace Journalism**. Track Two, v. 7, n. 4, p. 1-5, 1998.

GALTUNG, Johan. **Peace journalism as an ethical challenge**. Global Media Journal: Mediterranean Edition, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2006.

GALTUNG, Johan. Peace Studies: a ten point primer. Peace Studies in China: Nanjing University, 4-6 **March** 2005. Disponível em <https://www.transcend.org/files/article536.html>. Acesso em 27 abr. 2024.

GALTUNG, Johan. **Violence, peace, and peace research**. Journal of Peace Research, v. 6, n.3, p. 167-191, 1969.

GALTUNG, Johan. **Violencia cultural**. Gernika-Lumo: Gernika Gogoratz, 2003.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news**. Journal of Peace Research, v. 2, n. 1, p. 64-91, 1965.

LYNCH, Jake. **What is peace journalism? transcend media service**. Disponível em <https://www.transcend.org/tms/about-peace-journalism/1-what-is-peace-journalism/>. Acesso em 26 abr. 2024.

MAGNOLI, Demétrio. No espelho da guerra. In: MAGNOLI, Demétrio. (Org.). **História das guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-17.

MARTÍNEZ GUZMÁN, Vicent. **Filosofia e investigação para a paz**. Revista Crítica das Ciências Sociais, v. 71, p. 43-62, 2005.

OLIVEIRA, Gilberto de Carvalho. **Estudos da paz: origens, desenvolvimentos e desafios críticos atuais**. In Rev. Carta Inter., Belo Horizonte, v. 12, n. 1, 2017, p. 148-172

Oliveira, Karla. **O fluxo migratório dos venezuelanos retratado pelo Nexo Jornal à luz do Jornalismo para Paz**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação –Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020

PUREZA, José Manuel. **Estudos sobre a paz e cultura de paz.** Intervenção proferida no âmbito do Colóquio “Prevenção de Conflitos e Cultura de Paz”, n. 95/96, p. 33-42, Lisboa, 2000

RODELLA, Ester Alkimim Zanco. **A mulher que luta sob a ótica da Mídia Ninja e do MBL: o 8M e os desafios da comunicação para paz nas mídias digitais.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020

SALHANI, Jorge. **Jornalismo para a paz e os refugiados Sírios.** Dissertação de Mestrado. PPGCOM Universidade Estadual Paulista, 2019. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190720>. Acesso em 15 abr. 2024

SHINAR, Dov. **Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz.** Líbero, ano XI, n. 21, p. 39-48, 2008.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada;** Trad. Luciene de Oliveira da Rocha. 2 ed – Porto Alegre: Artmed, 2008.

VAN DJICK, José; POELL, T; DE WALL, M. **The platform society: Public Values in a Connective World.** Oxford University Press, NY, 2018.

WANDSCHEER, Lisiane **Análise da cobertura jornalística do crime organizado nos jornais Folha de São Paulo e O Globo com base no jornalismo para a paz.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Fac. de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2008.